

De 'a Peste' a 'o Estrangeiro,' ou as Artes em 2020:

Atas do XI Congresso
Internacional CSO, Criadores
Sobre outras Obras



De 'a Peste' a 'o Estrangeiro,' ou as Artes em 2020:

Atas do XI Congresso
Internacional CSO, Criadores
Sobre outras Obras

Sociedade Nacional de Belas Artes

Lisboa, 3 a 8 de abril
de 2020

Comissão Científica:

Adérito Fernandes Marcos (Portugal, Universidade Aberta, Departamento de Ciências e Tecnologia);
Almerinda Lopes (Brasil, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes, Vitória);
Almudena Fernández Fariña (Espanha, Facultad de Bellas Artes de Pontevedra, Universidad de Vigo);
Álvaro Barbosa (China, Macau, Universidade de São José, Faculdade de Indústrias Criativas);
Angela Grandó (Brasil, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória);
António Costa Valente, (Portugal, Universidade do Algarve, Departamento de Artes e Humanidades da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais);
António Delgado, (Portugal, Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Artes e Design, Caldas da Rainha);
Aparecido Jose Cirilo, (Brasil, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória);
Armando Jorge Caseirão (Portugal, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa);
Artur Ramos (Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa);
Carlos Tejo (Espanha, Facultad de Bellas Artes de Pontevedra, Universidad de Vigo);
Cleomar Rocha (Brasil, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Belas-Artes);
Eduardo Vieira da Cunha (Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto das Artes);
Fátima Chinita (Portugal, Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Teatro e Cinema);
Francisco Paiva (Portugal, Universidade Beira Interior, Faculdade de Artes e Letras);
Heitor Alvelos (Portugal, Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto);
Ilídio Salteiro (Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa);
Inês Andrade Marques (Portugal, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias);
J. Paulo Serra (Portugal, Universidade Beira Interior, Faculdade de Artes e Letras);
Joaquín Escuder (Espanha, Universidad de Zaragoza);
João Castro Silva (Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa);
João Paulo Queiroz (Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa);
Josep Montoya Hortelano (Espanha, Facultad de Belles Arts, Universitat Barcelona);
Josu Rekalde Izaguirre (Espanha, Facultad de Bellas Artes, Universidad del País Vasco);
Juan Carlos Meana (Espanha, Facultad de Bellas Artes de Pontevedra, Universidad de Vigo).
Luísa Santos (Portugal, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa);

Luís Herberto (Portugal, Universidade da Beira Interior);
Luís Jorge Gonçalves (Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa);
Marcos Rizolli (Brasil, Universidade Mackenzie, São Paulo)
Margarida P. Prieto (Portugal, Universidade de Lisboa, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes);
Maria do Carmo de Freitas Veneroso (Brasil, Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais).
Marilice Corona (Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul);
Maristela Salvatori (Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul);
Mònica Febrer Martín (Espanha, Doctora, Facultad de Belles Arts, Universitat Barcelona);
Neide Marcandes (Brasil, Universidade Estadual Paulista);
Nuno Sacramento, (Reino Unido, Peacock Visual Arts, Aberdeen);
Orlando Franco Maneschy (Brasil, Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte);
Paula Almozara, (Brasil, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Faculdade de Artes Visuais);
Paulo Bernardino Bastos, (Portugal, Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Artes);
Paulo Gomes (Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto das Artes);
Pedro Ortuño Mengual, (Espanha, Universidad de Murcia, Facultad de Bellas Artes);
Renata Felinto, (Brasil, Ceará, Universidade Regional do Cariri, Departamento de Artes Visuais);
Rosana Horio Monteiro, (Brasil, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais);
Susana Sardo, (Portugal, Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Artes, INET-MED);
Vera Lucia Didonet Thomaz, (Brasil, Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, ANPAP).

Coordenação do Congresso:

João Paulo Queiroz (Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa);

XI Congresso Internacional CSO'2020,
Criadores Sobre outras Obras: Livro de Atas
João Paulo Queiroz (ed.)

Edição: Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes
(CIEBA), Faculdade de Belas-Artes, Universidade
de Lisboa e Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA)
Presidente do CIEBA: João Paulo Queiroz
Presidente da Direção SNBA: João Paulo Queiroz
Apoio Administrativo CIEBA: Cláudia Pauzeiro
Apoio Gestão SNBA: Rui Penedo
Apoio Administrativo SNBA: Helena Reynaud,
Fátima Carvalho
Divulgação FBAUL: Isabel Nunes
Design: Tomás Gouveia
ISBN: 978-989-99822-4-6

Propriedade e serviços administrativos:

Faculdade de Belas-Artes da Universidade
de Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos
em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal
T +351 213 252 108 / F +351 213 470 689



Lisboa, maio 2020

Organização científica
Scientific organization



cieba

belas-artes
ulisboa

Apoio
Support

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Acolhimento do evento
Event hosting



Transportador oficial
Official carrier

TAP
AIR PORTUGAL

Arte e acontecimento: um desenho de Carlos Pasquetti

Art and event: a drawing by Carlos Pasquetti

KATIA PRATES*

Artigo submetido a 11 de janeiro de 2020 e aprovado a 21 de janeiro de 2020

*Brasil, artista visual, professora universitária.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais. R. Sr. dos Passos, 248 - Centro Histórico, Porto Alegre - RS, 90020-180, Brasil. E-mail: katia.prates@yahoo.com

Resumo: Esse artigo reflete sobre o trabalho “Desenho Simples” de Carlos Pasquetti e suas reverberações. A vacância anterior à ocorrência de vivências e suas memórias - característica da infância - é ponto principal para pensar o funcionamento da imagem no encontro com quem a observa. Articula ideias sobre as condições nas quais o contato com o desenho pode ser considerado um acontecimento.

Palavras chave: desenho / vacância / infância / memória / acontecimento.

Abstract: *This article reflects on artist Carlos Pasquetti's visual work “Simple Drawing” and its reverberations. The emptiness that precedes the occurrence of life experiences and their memories - characteristic of childhood - is the main argument for the functioning of the image in relation with its observer. It considers ideas about the conditions under which being in contact with the drawing can be considered an event.*

Keywords: *drawing / emptiness / childhood / memory / event.*

Introdução

Nesse artigo, compartilho minhas impressões sobre uma obra do artista visual brasileiro Carlos Pasquetti. Seu título “Desenho Simples” traz o depoimento do próprio artista: não se trata de algo muito elaborado, é simples. A imagem – matéria de imaginação – pode nos transportar a universos conjugados de camadas temporais. Na minha frente, esse desenho faz emergir uma infância inesperada e que, talvez, nem mesmo implique uma lembrança minha, mas seja memória de todas as infâncias – como a sensação de flutuar num vazio onde o passado ainda não existe. Como os reduzidos rabiscos que compõe esse trabalho causam essas impressões complexas? Jacques Derrida (DERRIDA, 2012) descreve o *acontecimento* como algo inesperado, algo que não pode estar sendo esperado, porque é da impossibilidade de sua chegada que depende sua ocorrência. O acontecimento não pode estar no horizonte de eventos previsíveis e, ao ocorrer, nos excede por completo promovendo o contato com algo que nos aproxima à misteriosa essência do viver. Assim, “Desenho Simples” provoca através de seus modestos traços a emergência de um passado que não faz parte de algo vivido, mas da percepção da existência desse espaço vacante que permite que qualquer passado seja construído.

Um simples desenho

Dos traços que criavam formas em seus desenhos das décadas de 1980 e 1990, no início dos anos 2000, Carlos Pasquetti passa a realizar superfícies recortadas em tecido, muitas vezes formando algo como sacolas ou mochilas. (Alguns de seus desenhos já tinham objetos conjugados, como pequenas escadas que – colocadas fora do suporte do trabalho – indicavam que o papel com seus pigmentos não continha toda a dimensão daquilo que o artista estava propondo.) Além das formas planas em recortes coloridos, faz, entre outros objetos, almofadas e pares de sapatinhos (Figura 1).

Tentar descrever seus trabalhos é sempre enfrentar a incapacidade de fazê-lo. Mesmo fotografias documentais não informam sobre a estranheza e a atmosfera que emanam desses objetos. Escrevo como lembro, o que imagino, talvez as informações e descrições não sejam precisas, mas isso é próprio do lembrar – tão inexato e fantasioso.

Nesse artigo, compartilho minhas impressões sobre somente uma obra do artista, um desenho datado de 2008-2010 chamado de *Desenho Simples* que foi mostrado em uma exposição individual realizada em 2010 em Porto Alegre.

Na exposição havia cerca de vinte desenhos, pinturas e colagens formando um conjunto de obras cheias de vida e de curiosidade – que nos levavam, a partir

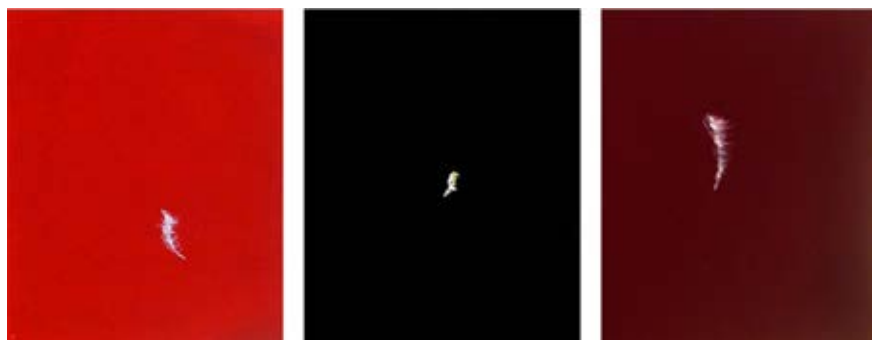


Figura 1 · Carlos Pasquetti, *Sapatinhos*, 2006. Objeto em tecido sintético. Coleção do artista. Foto: Carlos Stein. Fonte: artsandculture.google.com

Figura 2 · Carlos Pasquetti, *Desenho Simples*, 2010. Pastel seco sobre papel veludo. Coleção do artista. Fonte: bolsadearte.com.br

de sua inquietação e clareza de pensamento, para essa área de vibração impalpável que a arte às vezes tem capacidade de fazer emergir.

Desenho Simples (Figura 2) foi título de mais de um trabalho mostrado nessa exposição, por isso não servirá para identificá-lo, mas oferece um depoimento do artista: não se trata de algo muito elaborado, é simples. No caso, é de uma simplicidade atordoante, uma modéstia comovente. Estava numa área menos favorecida da galeria, em um corredor fora do epicentro da sala. Depois de ver aquelas imagens pulsantes e instigantes, encontrava-se esse pequeno desenho.

Eram três rabiscos. Feitos em barra de pastel que mais parecia lápis de cor. Três rabiscos, cada um sobre um papelzinho, um conjunto emoldurado. Os riscos pequenos se sobressaíam da superfície do papel colorido sem maior entusiasmo. A coloração era meio escura em uma composição casual, como a que surge quando o pensamento vagueia. Um gesto inconsequente. Cada rabisco fazia um pequeno redemoinho, um minúsculo furacão. A partir dessa descrição, como é possível figurar esse encontro? Não é possível. Inútil tentativa de alcançar a comoção desse acontecimento. A sensação que ele provoca vem de um lugar tão distante que me faz duvidar se esse lugar existiu: é como ter sido criança, isso existiu, todos fomos.

São três redemoinhos, nem isso: uns rabiscos que tem alguma semelhança com redemoinhos. Traçados displicentes de quem fala ao telefone, de quem faz outra coisa, para quem esse riscar não tem a menor importância. E aí estão: emoldurados, alheados de sua modéstia, elevados ao status de obra. Mas não mereciam ser emoldurados, porque a moldura dá a eles uma soberba que não lhes pertence. Eles são simples, desenhos muito simples e modestos e são como ter sido criança. A moldura os afasta dessa infância esquecida, perdida, eterna, que é deles, que é eles. Essa infância que é sempre – que dentro de todos sempre haverá – e está ali na minha frente. Ao relatar isso, seria possível ambicionar compreensão? Uma nostalgia de ter sido criança, mas não a que corre e rola gargalhando, outra: aquela que olha a folha da grama e se pressente parte. Parte do quê? Não sabe, não vai saber, há silêncio nessa infância de perplexidade e modesto encantamento. Onde poderia haver também minúsculos furacões rabiscados.

É possível que esses traços e a sensação que trazem não se relacionem com ser criança, mas com a ausência de história que a caracteriza, com um momento em que não há antes ou que faz lembrar como é não ter antes, que reencontra um lugar onde (antes) não havia superfície ou substância de suporte.

O passado se faz incessantemente, mas esse movimento não ocorre somente pelo rastro que o presente deixa. Ele é renovado a cada visitação da memória. Todo evento se modifica quando o lembramos. Algo que era possível de

discernir claramente agora é um borrão: o formato de uma planta, o rosto de alguém. Ao mesmo tempo, surgem outros detalhes em uma realidade tangencial que talvez tenha perdido seu presente e seja ficção: a temperatura do ar, uma cor. O passado que nos constrói é construído por nós. Assim é que esse desenho fala com uma criança que nunca existiu no passado vivido, mas que é em essência a própria experiência da infância.

Essas figuras não oferecem algo novo, mas trazem em retorno uma sensação muito antiga e a expande e, como se abrisse uma comporta, inunda tudo com essa impressão que era minúscula e tão similar à de uma infância: a lembrança da vacuidade, do existir sobre a latência de uma vida sem referência, onde passado e futuro nada marcam.

Estranho encontro esse que descortina um momento de falta e vazio onde – tal como crianças – ainda desconhecemos aquilo que começará a empilhar-se em nós: vivências, memórias, conexões, situações que estruturarão as respostas que daremos aos mundos que virão a se erigir dentro de cada um.

“Ser artista é ignorar que já existe uma arte, que já existe um mundo” (BLANCHOT, 2011: 209) e talvez seja também poder transportar seus observadores a um estado que se afasta do já conhecido ao indicar a vacância que sempre precede aquilo que nos tornamos e não deixa de nos constituir, mas agora em oclusão, sobreposta pelo que criamos.

Talvez o que vejo – acesso pela visão – sequer seja uma imagem, nem visível nem imaginação, instante volátil quando a imaginação ainda não estabeleceu imagem. Um desenho que engendra o que é anterior a ele. A imagem não sendo mais figurável levará a descrição desse encontro a ser inalcançável, sempre em débito, inexacta e incompleta.

A ocorrência desse encontro - o *acontecimento* - é algo que ocorre fora do horizonte de nossas possibilidades e surge do inesperado. “O que chega como acontecimento, não deve chegar senão ali onde é impossível. Se era possível, se era previsível, é que aquilo não chega”. (DERRIDA, 2012: 241). É a própria surpresa que dá condição à sua existência, mas não é somente isso que permite sua ocorrência. Há também a nossa disposição em seu reconhecimento e aceitação. O acontecimento, em sua impossibilidade, “não é nada mais do que a característica daquilo que chamamos tão facilmente de experiência” (BLANCHOT, 2001: 91). E a experiência é o que está sob todo e qualquer tempo presente, embora velada por aquilo que pensamos conhecer.

Recobrando as condições para essa experiência primordial, multiplicam-se elaborações cotidianas. E, ao ficarmos adultos, sólidos, satisfeitos com a densidade que adquirimos, esquecemos desse período em que não sabíamos nada

ou quase nada e que, ao resistir como nossa procedência primeira, mantém o estado de mobilidade de tudo o que nos tornamos e nos tornaremos já que as camadas que nos definem são superfícies vivas e em flutuação.

Conclusão

Nos traços despreziosos do *Desenho simples* há uma leveza que não aponta a arte como técnica ou expressão de conhecimentos adquiridos. É sobre as potências da própria vida que eles tratam, não a vida do artista, mas a vida como qualquer vida. Gilles Deleuze em seu último escrito nos fala sobre “uma vida”, aquela vida que todos compartilhamos igualmente, independente do indivíduo (DELEUZE, 2002). Todos temos a mesma vida que faz ser o *estar vivo*. E é essa vida em essência que a arte pode nos mostrar.

É o espaço de construção da vida que essa imagem alcança. Ela se liga ao que antecede à elaboração das imagens, anterior ao saber e ao distinguir. É somente um rabisco que se repete três vezes, como quem tateia e experimenta o prazer de fazer pequenas curvas. É a humildade dessas imagens que abre a condição de vislumbrarmos esse fundo primordial que nos constitui. É por causa desse fundo – que é fundamento – que essas imagens evocam algo que, embora esteja nelas contido, as ultrapassa: a vida, uma vida.

Referências

- Blanchot, Maurice. *A conversa infinita 1: a palavra plural*. São Paulo: Escuta, 2001. ISBN 8571371768
- Blanchot, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. ISBN 978853250289-6
- Deleuze, Gilles. “A imanência: uma vida...” *Revista Educação e Realidade*. ISSN 0100-3143, e-ISSN 2175-6236. Vol 27 (2): 10-18.
- Derrida, Jacques. “Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento.” *Revista Cerrados: acontecimento e experiências-limite*. e-ISSN 1982-9701. Vol. 21 (33): 231-251.